

Regina Helena de Almeida Santos

1. Por que escolheu a química?

Eu sempre me dei muito bem com as ciências exatas e na época que eu ia prestar vestibular, os vestibulares mais ou menos que se coincidiavam. As minhas escolhas eram entre engenharia e química. E eu acabei optando por química, porque eu tinha feito o curso de química industrial em paralelo com o curso de formação de professores primários. Então, fui mais ou menos dirigida para essa direção.

2. Qual foi a sua trajetória?

Eu nasci em São Paulo, meu pai era funcionário do Banco do Brasil. Então a cada dois anos, para poder subir na carreira, a gente mudava de cidade. Quando eu tinha 10 anos, ele se fixou aqui em São Carlos, exatamente porque eu sendo a mais velha, ele achou que deveria ficar em um lugar onde a escola fosse boa o suficiente. Meu pai para a época (década de 1950), era uma pessoa bastante avançada. Então, mesmo tendo três filhas e apenas um filho, ele sempre pensou que todos nós deveríamos ter o curso superior. São Carlos tinha na época o Instituto de Educação Álvaro Guião, que era considerada uma das melhores escolas do estado de São Paulo. Como, na época mulher era feita "pra casar", mas caso o marido morresse era mais ou menos óbvio que ela tinha que ter uma profissão rápida. Então, fiz uma negociação com meu pai, eu faria o curso de química industrial e em contrapartida eu tentava fazer o curso de formação de professores primários para poder exercer uma profissão. O mundo evoluiu muito rápido nessa época. Então, quando me formei nos dois cursos ao mesmo tempo, prestei vestibular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, que era na época uma escola isolada, hoje é UNESP. O curso de química já era tradicional e eu cursei lá. Quando eu estava no último ano, a gente tinha que fazer um trabalho de formatura e eu gostava muito de uma disciplina que se chamava cristalografia, que era ministrada logo no início do curso de química. Eu me dava muito bem com o professor, e ele me propôs que eu fizesse o trabalho aqui em São Carlos, com a Professora Yvonne Primerano Mascarenhas, porque aí abrir-se-ia uma janela de cooperação entre Araraquara e São Carlos. E eu vim conversar com a professora e fiz o meu trabalho de formatura com ela, coorientada pelo Professor Cirano Rocha Leite, que era o professor de cristalografia lá em Araraquara. E aí, foi mais ou menos natural,

porque no ano seguinte à minha formatura foi aberta a Pós-Graduação em Físico-Química, e eu fui a primeira pessoa a se inscrever no mestrado. Depois de mim, o Professor Servulo Filgueiras Domingues (professor na Universidade Federal de São Carlos), Elson Longo (professor da UFSCAR) e a Maria Ângela Tonissi (ex-alunos de Araraquara também). A minha orientadora era obviamente a Professora Yvonne. Nessa época, tinha acabado de ser criado o Instituto de Física e Química de São Carlos, mas o curso de Química não existia ainda. Então, abriu-se a possibilidade da contratação de outras pessoas. Foram contratados o professor Ernesto Rafael Gonzalez (docente de 1973 a 2008), Luiz Alberto Avaca (docente de 1974 a 2010) e o professor Miguel Guillermo Neuman (docente de 1975 a 2008) e, assim, começou a ser criado o núcleo do que hoje é o Instituto de Química de São Carlos, e eu fui a primeira brasileira a ser contratada. Isso também, porque eu fui a primeira a terminar o mestrado em abril de 1974. Depois disso, não havia ainda o curso de doutorado em química, eu fiz o meu doutorado em Física, Física Aplicada com tema em cristalografia. A vida correu em paralelo. Nesse meio tempo entre o mestrado e o doutorado, que ocorreu em 1979, tive três filhos. E dando aulas, em princípio, como tempo parcial, seguido de turno completo e depois, que fiz concurso, para turno integral. E aí vieram os outros professores: o professor Gilberto (Gilberto Orivaldo Chierice, docente de 1976 a 2013), o Wagner (Wagner Luiz Polito, docente de 1976 a 2015) etc. Depois que eu me casei, meu pai me deu uma máquina de escrever, porque na época não existia absolutamente nada parecido com o que é agora. A máquina de escrever era manual, se você errasse uma letra tinha que começar a página de novo, não havia meios de apagar. Meu pai me deu essa máquina e eu escrevi o primeiro exemplar da minha dissertação de mestrado. E essa máquina ficou lá, rapidamente obsoleta, porque vieram as máquinas elétricas que corrigiam o texto e depois os computadores. Então, doei ao Instituto para que ficasse lá como uma lembrança da primeira dissertação de mestrado.

3. Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

Eu contribuí, porque a gente tinha um grupo de pesquisa extremamente ativo que era liderado pelo professor Johannes (Jean) Rüdiger Lechat (docente de 1966 a 1994). Após a morte dele, há 30 anos atrás, eu assumi (muito jovem ainda) a coordenação do grupo de Cristalografia. Na época, no grupo havia a professora Mabel (Mabel Rodrigues, docente de 1961 a 1992), a Ana Maria Gonsalves Dias Rodrigues (docente de 1976 a

2002), a Regina Helena (assim como eu) Porto Francisco (docente de 1976 a 2002), a Maria Tereza de Prado Gambardela (docente de 1987 a 2018). Era um grupo extremamente ativo, com muitas publicações e muitos alunos que depois se transformaram em professores e pessoas importantes nas Universidades Federais (diretores, chefes de departamento etc.). A gente em 1994 adquiriu o equipamento que nos propiciou a projeção como cristalógrafos reconhecidos no mundo, com trabalhos importantes em todas as áreas, e que foi o segundo Difratômetro Automático de Raios-X do Brasil, operacional no caso. Existia outro no Rio, mas que nunca chegou a ser operacional e um no Instituto de Física de São Carlos.

4. Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

Era minha casa, vamos dizer assim. Porque eu passava muito mais tempo lá dentro, orientando, dando aulas e fazendo pesquisa, do que dentro da minha casa. Era o local que eu mais gostava de ficar. Agora em agosto, completei 46 anos como docente, e digamos que agora no final do ano serão 51 anos de interação com a química. Então, minha vida toda.

5. Como você se imagina fora do IQSC?

Eu estou tentando me aposentar, pandemia atrapalhou um pouco meus planos. Mas é muito difícil você se acostumar a um ambiente e se desacostumar dele. De certa forma, a pandemia contribuiu para o meu afastamento, uma vez que como grupo de alto risco, eu estou longe do instituto já faz algum tempo. Eu vinha programando a minha aposentadoria, minhas duas alunas de doutorado já haviam acabado (uma colombiana e uma maranhense) que foram as duas últimas. Eu comecei a me preparar para sair. É um processo extremamente difícil para quem já está há 51 anos de convivência.

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEx), no dia 20 de novembro de 2020, às 15h.